

Comício tem forró e críticas ao PRN

Luiz Maklouf Carvalho

SÃO PAULO — O candidato à Presidência da República pelo PL, Guilherme Afif Domingos, não sabe ou não quer dizer que sabe qual a principal diferença política entre ele e o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. "Eu não sei qual é a diferença porque não conheço as idéias dele", respondeu Afif. "Talvez seja porque não exista diferença alguma", insistiu o repórter. "É o povo brasileiro quem vai julgar essa diferença", respondeu o candidato do PL, numa tumultuada entrevista depois de um comício na Praça Azevedo Antunes, no bairro da Lapa, Zona Oeste desta Capital.

Nos 20 minutos em que discursou para cerca de 1.000 pessoas, Afif voltou a desafiar o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, para um debate na próxima terça-feira, às 19h, na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro.

Luas pretas — "Ele me fez acusações pelas costas e depois fugiu. Desta vez, espero que não fuja ao debate", disse Afif. "Collor tem medo de polarizar a campanha comigo", afirmou o candidato, respondendo uma pergunta sobre os comentários de Collor de Mello de que seria Lula, do PT, o candidato com mais possibilidade de disputar o

segundo turno com ele. "Quem errou na estratégia foi o Collor, não fui eu", afirmou Afif. "O erro principal que ele cometeu foi ouvir os *luas pretas*, aqueles que só entendem de programas de televisão", completou, referindo-se aos representantes da intelectualidade que auxiliam as campanhas.

Afif chegou ao palanque às 13h20, com uma hora e 20 minutos de atraso, chegando a preocupar sua assessoria. A manifestação de seus eleitores, entretanto, começou cedo, com uma carreata pelas ruas da Lapa, acompanhada por cerca de 200 carros. Às 11h, a praça foi animada com um show do trio sertanejo Parada Dura, um dos mais populares do gênero e de maior fôlego: desfilou sucessos sem parar por quase duas horas. Segundo a assessoria de Afif, o Parada Dura (formado por Creone, Parreirito e Mangabinha) estava tocando de graça, porque apóia o candidato. O cantor do grupo, Parreirito, negou: "Eu vou votar no Afif porque ele foi o único candidato que teve coragem de pagar o nosso trabalho."

Faixas, cartazes, bandeiras, os bêbados de sempre dançando forró e os locutores prometendo a todo instante que o "presidente de todos os brasileiros" já estava chegando animavam a praça. Afif finalmente chegou, depois de uma caminhada sem muito sucesso pela Rua 12 de Outubro, cercado por seguranças afoi-

tos, amigos mais chegados, desconhecidos e bajuladores de todos os tipos. Foi abraçado, tocado, deu autógrafos em papéis e em camisas, e enfrentou, sempre sorridente, o aglomerado que se comprimia no palanque.

Confete — Entre o público podia-se ver os militantes estrategicamente colocados, cumprindo eficientemente a função de puxar os aplausos. No discurso — à exceção do momento em que referiu-se a Collor de Mello, desafiando-o para o debate —, Afif foi o mesmo de sempre. Jogou confete para os pequenos empresários ("a microempresa é a macrofamília"), para os nordestinos que vivem em São Paulo ("você não pode voltar através da revolução verde"), e não esqueceu, ao final, de dedicar o comício ao Dia da Criança, que se comemora no próximo 12 de outubro.

"A política é uma arte no campo das idéias", bradou, fazendo comparações entre a campanha eleitoral e o jogo de futebol. "Para quem quiser dar pontapé, a nossa resposta é um olé", rimou. "Esse não é um instante de ódio. Temos amor a uma causa chamada Brasil." Ao final, para variar, a música da campanha, *Juntos chegaremos lá*, mereceu um coro de razoáveis proporções. Depois do comício, Afif seguiu para Montes Claros, em Minas Gerais, onde passa o dia de hoje fazendo campanha.